



ANA TERRA E CATARINA: inspirações na luta feminina por espaço na sociedade

ANA TERRA AND CATARINA: inspirations in the female fight for space in society

Monalisa Lippert ¹
 Marguit Carmem Goldmeyer ²

Resumo: O presente artigo disserta acerca da mulher na sociedade e na literatura do Rio Grande do Sul, tendo a autora como objetivo analisar como Ana Terra e Catarina, personagens da literatura sul-riograndense, podem inspirar mulheres da atualidade na luta por espaço na sociedade. Para tanto examinaram-se as características da literatura sul-riograndense, como a mulher está inserida nela e a história da mulher na sociedade, bem como exploram-se as obras *Ana Terra*, de Érico Veríssimo, e *A ferro e fogo I - Tempo de solidão*, de Josué Guimarães. Constatou-se que as personagens Ana Terra e Catarina podem inspirar mulheres na busca por independência e determinação, uma vez que mostram poder e força em uma época em que a mulher era naturalmente submissa ao homem. Como embasamento para a elaboração do presente artigo foram utilizados os teóricos Luiz Marobin, Regina Zilberman, José Clemente Pozenato, Constância Lima Duarte, além de outros autores da área.

Palavras-chave: Ana Terra. Catarina. Mulher. Literatura sul-riograndense.

Abstract: The present article is about women in society and in the literature of Rio Grande do Sul, with the author aiming to analyze how Ana Terra and Catarina, characters from the literature of Rio Grande do Sul, can inspire women of today in the struggle for space in society. To this end, the characteristics of the literature in Rio Grande do Sul were examined, how women are inserted in it and the history of women in society, as well as the works *Ana Terra*, by Érico Veríssimo, and *A ferro e Fogo I – Tempo de Solidão*, by Josué Guimarães. It was found that the characters Ana Terra and Catarina can inspire women in the search for independence and determination, since they show power and strength at a time when women were naturally submissive to men. The theorists Luiz Marobin, Regina Zilberman, José Clemente Pozenato, Constância Lima Duarte, as well as other authors in the area were used as basis for the elaboration of this article.

Keywords: Ana Terra. Catherine. Woman. Literature in Rio Grande do Sul.

¹ Graduanda de Letras Português e Alemão do Instituto Superior de Educação Ivoti. Ivoti, RS, Brasil. E-mail: lippertmonalisa@gmail.com

² Doutorado em Teologia pela Escola Superior de Teologia (2008), na Área de Concentração Religião e Educação, professora no Instituto Ivoti. E-mail: marguit.goldmeyer@institutoivoti.com.br

Zusammenfassung: Der vorliegende Artikel befasst sich mit dem Thema Frauen in der Gesellschaft und in der Literatur von Rio Grande do Sul. Das Ziel der Autorin ist analysieren, wie Ana Terra und Catarina, Figuren aus der Literatur von Rio Grande do Sul, Frauen von heute im Kampf um Platz in der Gesellschaft inspirieren können. Zu diesem Zweck wurden die Merkmale der Literatur von Rio Grande do Sul, wie Frauen darin eingefügt werden, und die Geschichte der Frauen in der Gesellschaft betrachtet. Außerdem wurden die Werke *Ana Terra* von Érico Veríssimo und *A ferro e fogo I - Tempo de solidão* von Josué Guimarães erforscht. Es wurde festgestellt, dass die Figuren, Ana Terra und Catarina, Frauen auf der Suche nach Unabhängigkeit und Bestimmung inspirieren können, da sie in einer Zeit, in der Frauen von Natur den Männern unterwürfig waren, Macht und Stärke zeigen. Als Grundlage zu der Ausarbeitung dieses Artikels wurden die Theoretiker Luiz Marobin, Regina Zilberman, José Clemente Pozenato, Constância Lima Duarte, sowie andere Autoren auf diesem Bereich verwendet.

Schlüsselwörter: Ana Terra. Catarina. Frau. Literatur von Rio Grande do Sul.

1 INTRODUÇÃO

Sabe-se que, por muitos séculos, a mulher ocupou uma posição de inferioridade na sociedade. Seus direitos eram poucos ou inexistentes e sua vida era baseada na submissão e no trabalho doméstico. Isso se refletia também na literatura, que era dominada por escritores do sexo masculino e apresentava raras personagens femininas.

Foi apenas no século XIX, com o advento do movimento feminista no Brasil, que essa situação começou a se modificar e a mulher passou a ter vez e voz, tanto na sociedade, quanto na literatura. Nesta, a mulher foi conquistando não somente o seu espaço como escritora, mas também como personagem.

Na literatura sul-riograndense esse processo foi semelhante. Tem-se registros de algumas obras escritas por mulheres já no século XIX, porém a mulher passou a destacar-se como escritora e personagem apenas a partir do século XX. Isso está relacionado a diversos aspectos culturais do Rio Grande do Sul na época.

Durante esse processo de inserção da mulher na literatura sul-riograndense no século XX, foram apresentadas personagens relevantes, como Ana Terra,

de Érico Veríssimo, e Catarina, de Josué Guimarães. As duas mulheres se destacam em uma época machista e extremamente patriarcal. Nesse contexto, o presente artigo discute os reflexos das duas notórias personagens da literatura do Rio Grande do Sul, Ana Terra e Catarina, na figura feminina da sociedade atual.

2 A LITERATURA SUL-RIOGRANDENSE

A literatura do Rio Grande do Sul desenvolveu-se de forma tardia em relação a outros estados brasileiros, cerca de 200 anos depois. Contudo, assim como a literatura de forma geral, desenvolveu-se inicialmente de maneira oral (MAROBIN, 1995, p.59). “Eram quadrinhas simples, de temáticas populares, cantadas ou declamadas nas trovas ou desafios. Somente mais tarde foram reunidas em volumes”. (MAROBIN, 1995, p.60).

Em 1868, um importante fato contribuiu para o avanço da literatura no Rio Grande do Sul, a criação da Sociedade Partenon Literário, primeiro movimento literário representativo do Rio Grande do Sul. A Sociedade produzia uma revista mensal que circulou de 1869 a

1879. Essa revista divulgava poesias, contos, romances, peças de teatro, críticas literárias e notas sobre a movimentação cultural da então pequena Porto Alegre.

As primeiras obras da literatura do Rio Grande do Sul foram publicadas ainda no final do século XIX. Os principais autores da época eram os irmãos Apolinário, Aquiles e Apeles Porto Alegre, José Bernardino dos Santos, Múcio Teixeira, Vítor Valpírio, entre outros.

Ao longo dos anos, a literatura sul-riograndense continuou a se desenvolver e novos autores surgiram. Atualmente, os principais nomes da literatura do Rio Grande do Sul são Érico Veríssimo, Josué Guimarães, Lya Luft, Moacyr Scliar, Caio Fernando de Abreu, dentre outros.

2.1 Características da literatura sul-riograndense

A literatura sul-riograndense apresenta ainda elementos próprios, o que a difere da Literatura Brasileira em si. Marobin (1995, p.9) salienta que

na literatura do Rio Grande do Sul, são facilmente perceptíveis os traços regionais, a simbologia do campo aberto, do monarca das coxilhas, dos pagos e da querência. Neles se manifestam os anseios, os sonhos, as utopias e as frustrações individuais e coletivas dos gaúchos.

Além desses elementos, ligados diretamente às particularidades da região do Rio Grande do Sul, há também uma forte relação com a história do estado. Segundo Marobin (1995, p.36),

as circunstâncias históricas têm grande relevo na literatura do Rio Grande do Sul. Nelas os escritores buscam temáticas, personagens típicos, enredos, imagens, símbolos carregados de conotações com base no subconsciente coletivo. História e Literatura não se confundem, mas, também, não se excluem.

Esse aspecto torna-se muito perceptível na trilogia *O Tempo e o Vento*, de Érico Veríssimo, e na trilogia inacabada de *A Ferro e Fogo*, de Josué Guimarães. Enquanto que esta aborda aspectos históricos como a imigração alemã no Rio Grande do Sul e a Guerra Cisplatina, aquela retrata a formação do estado, através da ocupação do Continente de São Pedro.

Outra característica marcante da literatura sul-riograndense é a representação do regional. No entanto, ele “não se exaure no pago, na querência, no centauro dos pampas, nas coxilhas. Isso é apenas uma face circunstancial. Os literários gaúchos, ao lado do regional, sempre têm as portas abertas para o universal” (MAROBIN, 1995, p.46). Nesse sentido, é importante que não se confunda o regional com o regionalismo. Ao utilizarmos o conceito de regional, entende-se

a presença do elemento *local*, ou *situado*, ou ainda *datado*, em qualquer obra literária: nesse sentido entende-se que uma obra, reconhecida como sendo de caráter universal, é sempre situada com relação a um lugar, real ou imaginário, e datada com relação a um tempo. (POZENATO, 2009, p.19).

Já com o termo regionalismo,

o que existe é um programa de representar literariamente determinada região em determinado tempo. As razões dessa programação repousam em pressupostos estéticos, mas também ideológicos, na medida em que envolve uma decisão relativamente ao seu fazer. (POZENATO, 2009, p.20).

Ou seja, utilizar-se-á o termo regional quando houver a “representação de uma realidade regional numa obra literária” (POZENATO, 2009, p.19) e regionalismo quando houver a “intenção de realizar essa representação” (POZENATO, 2009, p.19).

Nesse contexto, Mário de Andrade

(apud MAROBIN, 1995, p. 9), poeta e escritor brasileiro, ressalta que

de todas as literaturas regionais do Brasil, tenho a impressão que a gaúcha é a que mais apresenta uma identidade de princípios, uma normalidade geral dentro do bom, uma consciência de cultura, uma igualdade intelectual e psicológica, que a tornam fortemente unida e louvável.

Com isso, percebe-se que a literatura sul-riograndense é rica nos mais diversos sentidos. Além de estimar a sua história, valoriza e traz à tona, de forma natural, a cultura e as tradições do estado.

2.2 A mulher na literatura sul-riograndense

A mulher enfrentou, desde sempre, inúmeras dificuldades para conquistar o seu espaço, em diversos âmbitos. Na literatura não foi diferente. “As mulheres, mesmo que tenham lutado contra o heroísmo ou escrito brilhantemente, foram eliminadas ou apresentadas como casos excepcionais, mostrando que, em assuntos de homem, não há espaços para mulheres “normais”.” (LEMAIRE, 1994, p. 58).

Dessa forma, deve-se destacar que “a situação da literatura escrita por mulheres no Rio Grande do Sul não difere da que dominou no restante do Brasil e da América Latina, ou seja, a sua exclusão do cânone e a conseqüente marginalização da mulher como produtora de cultura.” (BITTENCOURT, 2004, p. 1 apud ALMEIDA; WEISSHEIMER, 2018, p.460). Isso está relacionado a diversos fatores, mas, principalmente, “à situação bastante secundária a que foi submetida a mulher na sociedade sulina, sobretudo enquanto durou o domínio da economia pastoril e do sistema patriarcal no campo.” (ZILBERMAN, 1985, p.74).

Durante o século XIX, a literatura do Rio Grande do Sul já tinha algumas

representantes do sexo feminino, as poetisas Delfina Benigna da Cunha e Amália dos Passos Figueiroa. Delfina chegou a publicar um livro de suas poesias, destinadas às senhoras rio-grandenses. Já Amália, integrante do Partenon Literário, publicou seus poemas nas revistas periódicas da Sociedade e em jornais da cidade de Porto Alegre. Contudo, a mulher ainda assim era pouco reconhecida na literatura do estado. Zilberman (1985, p.77) destaca que,

sem qualquer legitimidade e reconhecimento social, mesmo entre as classes dominantes, a mulher não tinha na literatura nenhum aliado. Não era personagem interessante, não se registrando, dentre os ficcionistas do século XIX qualquer figura feminina de destaque: ou são as pálidas amadas dos heróis, filhas ou irmãs de grandes ou médios proprietários rurais em época de casar, ou são elementos colaterais da trama, de caracterização epidérmica e participação ocasional. Nem constituía num público leitor provável, que motivasse o escritor a pesquisar temas que lhe dissessem respeito a fim de captar sua atenção. A população alfabetizada, ainda nos anos 60, era muito reduzida.

Como citado anteriormente, algumas mulheres já haviam, durante esse período, escrito e publicado algumas obras, no entanto,

a fragilidade de seus textos, somada a ausência de personagens femininas na ficção e à hegemonia da temática regionalista [...], impediu a consolidação de uma linha de trabalho artístico próprio, com características que assegurassem sua representatividade no universo de uma produção literária francamente masculina. (ZILBERMAN, 1985, p.90).

Ou seja, “demorou a se enraizar uma literatura voltada à mulher no Rio Grande do Sul”. (ZILBERMAN, 1985, p.90). Foi apenas a partir do século XX, na década de 40, com Lila Ripoll, que “editou

seus livros com certa periodicidade, consistindo, na ocasião, na mais ativa representante de seu sexo nos meios literários” (ZILBERMAN, 1985, p.79), que a expressão feminina na literatura sul-riograndense se desenvolveu.

Foi também durante esse período, entre as décadas de 30 e 40, que a mulher passou a ter certo destaque na literatura do Rio Grande do Sul como personagem, principalmente nas obras de Érico Veríssimo.

Sem dar conta propriamente do ângulo feminino de conhecer o mundo, Érico Veríssimo criou poderosas mulheres em sua ficção. *Clarissa* (1933) é a primogênita, apanhada, num primeiro momento, na adolescência, o autor usufruindo da ingenuidade e juventude próprias a essa fase etária para usá-las como fio condutor da visão narrativa. [...] Mais adiante, a moça retorna: *Música ao longe* (1935) e *Um lugar ao sol* (1936). (ZILBERMAN, 1985, p.82, grifos do autor).

Além disso, Zilberman (1985, p.82) aponta que Clarissa serviu também como “molde às futuras Ana Terra e Bibiana Cambará, imagens definitivas da mulher combatente, que transforma a própria vida em projeto familiar ou social, ultrapassando suas fronteiras individuais e desejos egoístas.”

Assim, é apenas a partir da década de 70 que escritoras gaúchas começaram a destacar-se na literatura do estado. Atualmente, algumas das principais representantes da literatura sul-riograndense são Tânia Jamardo Faillace, Lya Luft, Martha Medeiros, Natalia Borges Poleso, Luisa Geisler. Com isso, percebe-se que a presença da mulher na literatura é melhor do que já foi, todavia, está distante do ideal.

3 WORLD CHIMARRÃO E AS REFLEXÕES

Nas aulas de Literatura Sul-Rio

Grandense, do primeiro semestre de 2020, no Instituto Ivoti, a professora lançou aos estudantes a ideia de um momento para a discussão dos temas abordados nos livros lidos: o *World Chimarrão*. A dinâmica tem o mesmo intuito do *World Café*, que é a discussão de um assunto com a mediação de pequenos grupos, no entanto, por se tratar da disciplina de Literatura Sul-Riograndense, resolveu-se adaptar a ideia à bebida típica do estado, o chimarrão.

A intenção era que, ao longo das discussões, os estudantes pudessem partilhar a bebida, tão querida por todos. Porém, por conta da pandemia gerada pelo Covid-19, as aulas passaram ao modo online e esse momento ficou diferente do esperado. Os encontros passaram a ser virtuais, através de videochamadas e cada acadêmico preparava o seu chimarrão.

Os temas discutidos durante os momentos de *World Chimarrão* foram selecionados conforme as leituras realizadas ao longo da disciplina. Os grupos foram divididos a partir dos livros *Ana Terra*, *Onde andaré Dulce Veiga?*, *As parceiras*, *A ferro e fogo I*, *O exército de um homem só* e *Os Ratos*. Cada grupo ficou responsável pela mediação da discussão de acordo com as temáticas presentes na obra da sua equipe. Ao longo da disciplina foram discutidos os seguintes temas: a mulher, o intimismo, o tempo, revoluções, guerras e imigração, angústia, pobreza, solidão e desespero na literatura sul-riograndense.

Por conta dos encontros serem virtuais, os acadêmicos tiveram de se superar e se reinventar para que as aulas não se tornassem monótonas. Além das conversas, os discentes utilizaram diversas ferramentas digitais, a fim de tornar a aula mais dinâmica.

Com os debates, foi possível perceber como muitos livros e temas são atemporais, sendo possível estabelecer

relações entre a ficção e a realidade. Outrossim, a partir das discussões mediadas pelos grupos, percebeu-se uma certa variedade de interpretações e reflexões acerca das temáticas e obra abordadas, enriquecendo ainda mais esses momentos.

3.1 Portfólio: vejo-me nos seus olhos

Um portfólio é um ótimo método de organização de conteúdos. Ele pode ser físico ou digital, podendo ser organizado de diferentes formas, contendo desenhos/imagens, atividades e textos. Além disso, o portfólio vem sendo utilizado cada vez mais no meio escolar e acadêmico, como um auxílio para a organização e estudo dos alunos.

Na disciplina de Literatura Sul-Riograndense, a ideia do portfólio foi lançada juntamente com o momento World Chimarrão. A intenção era que, ao longo das leituras, os estudantes fossem fazendo registros e reflexões sobre os livros lidos, para enriquecer ainda mais os momentos de World Chimarrão.

O nome “Vejo-me nos seus olhos” retrata o objetivo de que o leitor registre também os momentos nos quais se identifica com personagens das obras lidas. Além dos registros sobre os livros, foram ainda acrescentadas ao portfólio outras atividades desenvolvidas ao longo do semestre sobre aspectos e autores específicos da literatura sul-riograndense.

Ademais, ao final do semestre os estudantes deveriam produzir um artigo relacionado com as discussões feitas ao longo da disciplina. Os registros feitos no portfólio e os debates desenvolvidos durante os momentos de World Chimarrão deveriam auxiliar os discentes nessa produção.

Por fim, a forma como o portfólio seria organizado ficava a critério de cada estudante. O registro dos livros poderia ser feito através de anotações, textos

reflexivos, desenhos, ou ainda, através de relações entre a obra lida e imagens, poemas ou outros textos. Dessa forma, cada estudante organizou seu portfólio do seu jeito e da forma como se sentiu mais à vontade.

4 AS MULHERES NA SOCIEDADE

Sabe-se que outrora a mulher ocupava uma posição de inferioridade na sociedade. Seu dever era, além de cuidar da família e do lar, servir ao marido sem questionar. A submissão e o silêncio faziam parte da normalidade e do dia a dia. Além disso, as mulheres praticamente não tinham direitos, sendo lhes negado o acesso à educação, ao trabalho e também ao voto.

No Brasil, a partir do século XIX, com o desenvolvimento do movimento feminista, tais aspectos passaram a ser questionados e reivindicados. Foi em 1827 que as mulheres conquistaram o seu primeiro direito, o direito à educação. Contudo, mesmo com o direito à educação, o número de mulheres alfabetizadas demorou a crescer, assim como o número de escritoras.

No entanto, pode-se afirmar ainda que esse movimento auxiliou no surgimento de escritoras brasileiras. De acordo com Zahidé Muzart (apud DUARTE, 2003, p.153),

no século XIX, as mulheres que escreveram, que desejaram viver da pena, que desejaram ter uma profissão de escritoras, eram feministas, pois só o desejo de sair do fechamento doméstico já indicava uma cabeça pensante e um desejo de subversão. E eram ligadas à literatura. Então, na origem, a literatura feminina no Brasil esteve ligada sempre a um feminismo incipiente.

Nísia Floresta Brasileira Augusta foi uma escritora que se destacou durante esse período. O seu primeiro livro, *Direitos*

das mulheres e injustiça dos homens, publicado em 1832, “é também o primeiro no Brasil a tratar do direito das mulheres à instrução e ao trabalho, e a exigir que elas fossem consideradas inteligentes e merecedoras de respeito” (DUARTE, 2003, p.153, grifo do autor).

A partir de então, o movimento foi ganhando cada vez mais força. Contudo, durou mais de 100 anos para que um outro direito fosse conquistado. Foi apenas no século XX, no ano de 1932, que a mulher conquistou direito ao voto. Alguns anos depois, em 1943 a mulher conquistou o direito de decidir se queria ser dona de casa ou trabalhar fora. Antes disso, a mulher só poderia trabalhar fora de casa com a autorização do marido.

Em 1988, com a homologação da Constituição Federal, as mulheres, teoricamente, conquistaram a igualdade de gênero. De acordo com o Art. 5º (BRASIL, 1988) “Todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se aos brasileiros e aos estrangeiros residentes no País a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade”.

Todavia, sabe-se que na prática isso não é tão simples e, ainda hoje, em pleno século XXI, a discriminação de gênero ainda está presente. Duarte (2003, p.168) destaca que

apesar de tantas conquistas nos inúmeros campos de conhecimento e da vida social, persistem nichos patriarcais de resistência. Basta que lembremos do salário inferior, da presença absurdamente desigual de mulheres em assembleias e em cargos de direção, e da ancestral violência que continua sendo praticada com a mesma covardia e abuso da força física.

Ou seja, apesar de todos os direitos já conquistados, percebe-se que ainda há muito a ser feito. As mulheres ainda enfrentam muitos desafios em seu

cotidiano e precisam batalhar muito para chegar onde desejam.

5 ANA TERRA E CATARINA - INSPIRAÇÕES HOJE E SEMPRE

5.1 As obras e seus autores

O livro *Ana Terra*, publicado em 1949, é uma obra de Érico Veríssimo, popular autor do século XX que fez parte da 2ª fase do Modernismo Brasileiro. Gaúcho, de Cruz Alta, nascido em 1095, Érico gostava muito de ler e imaginava e criava histórias desde criança. O autor sempre priorizou a escrita simples uma vez que o seu principal objetivo como escritor era alcançar o maior número possível de leitores.

Sobre o livro *Ana Terra* é importante destacar que ele “é um dos episódios de *O Continente*, primeira parte da trilogia *O tempo e o vento*, que compreende também *O Retrato* (parte II) e *O Arquipelago* (parte III)” (AGUIAR, 2005, p.101 - grifos do autor). A obra faz parte da segunda fase literária de Érico Veríssimo, intitulada romance histórico. Nessa fase, o autor explora a história de seu estado, Rio Grande do Sul, fazendo críticas e denúncias sobre a formação social e o patriarcado, aspectos culturais que marcaram a época. A obra retrata a vida da família Terra e as dificuldades diárias enfrentadas na estância onde viviam, no interior do Rio Grande do Sul.

Já o livro *A Ferro e Fogo I - Tempo de Solidão* é uma obra de Josué Guimarães. Jornalista e escritor gaúcho, Josué nasceu em 1921 em São Jerônimo, interior do Rio Grande do Sul. Nessa obra, o autor, assim como Veríssimo, assume uma postura crítica em relação à formação social e aspectos culturais da época no Rio Grande do Sul.

A trilogia inacabada *A Ferro e Fogo* é composta por dois volumes, o primeiro *Tempo de Solidão* (1972) e o segundo,

Tempo de Guerra (1975).

O terceiro volume, que completaria o projeto, não chegou a ser escrito, apenas esboçado, pois Josué morreu no dia 23 de março de 1986, vítima de um câncer, sem concluir o texto. Segundo informações buscadas junto à sua esposa, Nydia Guimarães, o volume chamar-se-ia *A ferro e fogo* – tempo de ódio-angústia e versaria sobre o acontecimento histórico dos Mucker. (AQUINO, 2011, p.1663).

No primeiro volume, *A Ferro e Fogo I - Tempo de Solidão*, Josué Guimarães retrata o período da colonização alemã no Rio Grande do Sul e as dificuldades enfrentadas pelos imigrantes.

A Ferro e Fogo é o único romance da história da literatura sul-rio-grandense que se volta para o tema da imigração alemã de forma a representar o maior número de aspectos que envolveram, segundo diferentes perspectivas – social, política, econômica –, os colonos nas primeiras décadas do processo migratório. (AQUINO, 2011, p.1671).

Além disso, as duas obras nos apresentam a duas mulheres com personalidades únicas e fortes. Ana Terra e Catarina são protagonistas, não só das obras em questão, mas também de suas próprias vidas, superando os desafios impostos pela sociedade.

5.2 Ana Terra e Catarina

As personagens Ana Terra e Catarina são mulheres ‘incomuns’ para as suas épocas, uma vez que mostram poder e força em um período no qual a mulher era naturalmente submissa. Foram mulheres que sofreram muito ao longo de suas vidas, mas não se deixaram abalar pelas dificuldades e desafios que surgiam, erguiam a cabeça e seguiam em frente. Ambas podem ser tomadas como exemplo e inspiração ainda hoje. Mesmo que estejamos em pleno século XXI e que as mulheres tenham conquistado direitos,

ainda há situações desafiadoras a serem enfrentadas.

Ana Terra vivia em uma família extremamente machista e não tinha muito contato com outras pessoas, além dos pais e irmãos. O pai, Maneco Terra, era rígido e “nem ao Rio Pardo o Maneco consentia que ela fosse. Dizia que mulher era pra ficar em casa, pois moça solta dá o que falar” (VERÍSSIMO, 2005, p.14). Com isso, Ana Terra tinha de se contentar com as restrições do pai e com a vida na estância. Quando Ana engravidou de Pedro Missioneiro, o pai ficou furioso e considerou-a morta.

É a partir desse momento que Ana Terra descobre ser extremamente forte e capaz de suportar mais do que imaginava. Mesmo com o pai tendo lhe virado as costas, ela continuou vivendo na estância, realizando suas tarefas diárias e criou o seu filho, inicialmente com a ajuda da mãe e, após a morte de D. Henriqueta, praticamente sozinha.

Além disso, é importante destacar que Ana Terra foi altruísta e protetora ao submeter-se à violência e ao estupro, quando a estância foi invadida pelos Castelhanos. Ela tomou essa decisão para proteger o filho, Pedro, a cunhada, Eulália, e a sobrinha, Rosa, que se esconderam no matagal atrás da fazenda. Como se não bastasse, foi Ana que, no dia seguinte, com o auxílio de Pedrinho, enterrou o pai, o irmão e os demais trabalhadores da fazenda, já que Eulália encontrava-se em estado de choque.

Outrossim, deve-se ressaltar ainda a determinação de Ana Terra em começar uma nova vida depois da fazenda ser arrasada pelos castelhanos. Foi dela a decisão de acompanhar a caravana que passou pela estância em direção a serra. Ademais, ao recomeçar a vida Ana mostrou-se muito independente, criando seu filho sozinha e mantendo o sustento da família.

A personagem Catarina enfrentou

algumas situações semelhantes às vivenciadas por Ana Terra, suportou a violência e teve que, praticamente, criar os filhos sozinha. Catarina veio para o Brasil juntamente com o seu marido, Daniel Abrahão e o seu filho Philipp. A família Klumpp-Schneider, assim como muitos imigrantes, deixou a Alemanha em busca de uma melhor condição de vida.

Na família Klumpp-Schneider, era Catarina que tomava as decisões, já que o marido era indeciso e muitas vezes medroso. Na esperança de uma vida melhor, foi ela que aceitou a proposta oferecida por Gründling: eles receberiam um grande pedaço de terra e em troca, auxiliar-no-iam com os seus negócios. Todavia, Gründling não especificou quais seriam esses negócios, o que acabou colocando a família, mais tarde, em uma situação complicada.

Catarina era uma mulher extremamente criativa e prática, colocando sempre suas ideias em ação e resolvendo os problemas da família com os recursos que tinha disponível. Durante o período da Guerra Cisplatina, enquanto o marido estava ameaçado de morte por conta do contrabando de armas (negócios de Gründling, dos quais a família ficou responsável), Catarina teve a ideia de escondê-lo no poço de água da fazenda. Assim, quando os castelhanos chegaram e perguntaram pelo marido, Catarina indicava ao norte (GUIMARÃES, 1972, p.23), dando a entender que ele não estava na fazenda. Aos poucos, esse poço foi sendo adaptado a uma espécie de caverna, para que o marido pudesse ficar mais confortável. Além disso, foi lá que Catarina escondeu os filhos e trabalhadores da fazenda, quando a estância foi atacada pelos Castelhanos.

Durante esse período, Catarina foi muito firme e resistente, pois foi, por diversas vezes, estuprada pelos castelhanos e soldados brasileiros. No primeiro ataque, tentou lutar e se livrar da

situação, no entanto, nos momentos seguintes em que isso aconteceu, não relutou, era mais fácil. Além disso, sabia que não poderia contar com a ajuda do marido, já que queria protegê-lo.

Ademais, Catarina era uma mulher muito determinada e buscava sempre o melhor para a família. Quando surgiu a oportunidade, ela, muito sagaz, fez a troca da fazenda por uma casa na colônia de São Leopoldo, para que a família pudesse, novamente, recomeçar. Outrossim, a determinação de Catarina fica evidente também quando ela iniciou o próprio negócio para garantir o sustento da família. Por maior que tenham sido as dificuldades, não desistiu.

Com o desenvolvimento e consolidação do seu negócio próprio, Catarina começou a se destacar na região e passou a assumir um papel de liderança na comunidade. Quando havia algum problema na região ou uma decisão que precisava ser tomada, era ela que era consultada e que tomava as decisões.

Dessa forma, percebe-se que tanto Ana Terra quanto Catarina são mulheres fortes e determinadas que lutaram pelos seus objetivos. Mesmo vivendo em uma época predominantemente machista, sobrepuseram-se a todas as adversidades surgidas.

Com isso, compreende-se que as personagens podem inspirar mulheres da atualidade a se imporem perante as dificuldades enfrentadas no dia a dia e motivá-las na busca por independência. Além de mostrarem que, em uma sociedade machista, a persistência e a determinação são essenciais para o alcance dos objetivos.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A literatura no Rio Grande do Sul vem se desenvolvendo em múltiplos aspectos ao longo dos anos. Percebe-se que a figura feminina já está mais

presente na literatura sul-riograndense em comparação a algumas décadas atrás. Ademais, não só a mulher está ganhando mais espaço, mas também os temas que envolvem o cotidiano feminino.

Deve-se salientar ainda que foi apenas a partir do século XIX que as mulheres obtiveram direitos básicos, como o direito à educação, ao voto e ao trabalho. Todavia, mesmo tendo adquirido tantos direitos, ainda há, na sociedade atual, diversos casos de injustiça e discriminação por gênero.

Outrossim, é importante ressaltar que momentos como o World Chimarrão (ou World Café) também são essenciais para a discussão de tais aspectos. São debates com diferentes pontos de vista que ampliam nossa visão de mundo e nos permitem evoluir.

As personagens Ana terra e Catarina destacam-se como mulheres fortes e donas de si, mesmo vivendo em uma época extremamente machista. As duas personagens podem, ainda hoje, ser tomadas como exemplo e inspiração, uma vez que transmitem a ideia que as mulheres podem ser independentes e conquistar o seu destino.

Por fim, deve-se frisar que, apesar das mulheres estarem conquistando cada vez mais espaço na sociedade, ainda se está longe do ideal. A literatura, como reflexo da sociedade, tem um importante papel nessa situação. Além de dar vez e voz às escritoras, é preciso que os dramas e dificuldades da figura feminina, bem como a sua força e poder, sejam também retratados na ficção, a fim de conscientizar as mulheres de seus direitos e capacidades.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, Flávio. Texto final e cronologia. *In*: VERÍSSIMO, Érico. **Ana Terra**. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

ALMEIDA, Magali Lippert da S.;

WEISSHEIMER, Gabriela. A produção literária das mulheres sul-rio-grandenses (1976-2016). **Travessias Interativas**, v. 8, n. 16, p.453-466, 2018.

AQUINO, Ivânia Campigotto. A literatura e a formação do estado em *A ferro e fogo*: narrativa da imigração. **Estudos linguísticos**, São Paulo, v. 40, n. 3, p. 1660-1672, set./dez. 2011.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília, DF, 1988. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em: 09 jun. 2020.

DUARTE, Constância Lima. Feminismo e literatura no Brasil. **Estudos avançados**, v. 17, n. 49, p.151-172, 2003.

GUIMARÃES, Josué. **A ferro e fogo I: tempo de solidão**. Rio de Janeiro: Editora Sabiá, 1972. Disponível em: <https://docero.com.br/doc/en8c>. Acesso em: 20. mar. 2020.

LEMAIRE, Ria. Repensando a história literária. *In*: HOLLANDA, Heloísa Buarque de. **Tendências e impasses: o feminismo como crítica da cultura**. Rio de Janeiro: Rocco, 1994. p. 58-71.

MAROBIN, Luiz. **Painéis da literatura gaúcha**. São Leopoldo: Editora Unisinos, 1995.

POZENATO, José Clemente. **O regional e o universal na literatura gaúcha**. Caxias do Sul: Educs, 2009.

VERÍSSIMO, Érico. **Ana Terra**. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

ZILBERMAN, Regina. **Literatura gaúcha: temas e figuras da ficção e da poesia do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: L&PM Editores, 1985.

Recebido em: 03/11/2020

Aceito em: 15/11/2020